

PROFESSORES DO ENSINO MÉDIO: A CONCEPÇÃO DE CURRÍCULO E A PERSPECTIVA MULTICULTURAL EM SALA DE AULA

Natália Aparecida Tiezzi Martins dos Santos – UCDB

Ruth Pavan - UCDB

Agência de Financiamento: PIBIC/CNPq/UCDB

Edital CNPq/2008 – Humanas e Sociais Aplicadas

RESUMO: Este artigo faz parte do projeto de pesquisa financiado pelo CNPq (Edital Humanas e Sociais Aplicadas), “As concepções curriculares presentes na reflexão dos educadores da educação básica e suas implicações para o processo de ensino e aprendizagem”. Este trabalho trata, especificamente, das reflexões dos professores do Ensino Médio do Estado de Mato Grosso do Sul. A pesquisa foi elaborada a partir de entrevistas realizadas com dez professores tanto da rede pública quanto particular de ensino, cujos nomes foram substituídos a fim de manter o anonimato. A pesquisa teve por objetivo analisar a concepção do currículo para os entrevistados e a definição de multiculturalismo, bem como a possibilidade de desenvolvimento da perspectiva multicultural em sala de aula. Utilizou-se para análise dos resultados obtidos teóricos como Antônio Flavio Barbosa Moreira e Tomaz Tadeu da Silva cujo eixo temático é o currículo e orientação teórica, Multicultural. A partir dos dados coletados pode-se constatar que os professores possuem uma concepção tradicional de currículo. Percebe-se na fala dos mesmos uma ênfase no conteúdo a ser ministrado ao longo do ano, o qual muitas vezes é confundido com a noção de currículo. Com relação ao multiculturalismo, a maioria dos entrevistados apóia-se no aspecto gramatical do termo, seccionou o vocábulo em duas partes: o prefixo latino “multi” que designa muito e o vocábulo “cultural”, relativo à cultura. Em outras palavras, multiculturalismo para eles é algo relacionado a muitas culturas, mas tem pouca relação com o processo educacional.

Palavras-chave: Professores, Currículo, Multiculturalismo.

Considerações iniciais

Este artigo faz parte do projeto de pesquisa financiado pelo CNPq/UCDB “As concepções curriculares presentes na reflexão dos educadores da educação básica e suas implicações para o processo de ensino e aprendizagem”. Este artigo trata, especificamente das reflexões dos professores do Ensino Médio. Iniciamos esse trabalho expondo algumas reflexões acerca da educação básica na sociedade brasileira. Logo após, desenvolvemos concisamente a história do currículo, abordando seu surgimento, bem como as concepções que ao longo da história foram instituídas sobre o mesmo. A fim de demonstrar a polissemia do vocábulo e a atenção que o mesmo merece por parte dos estudiosos, professores e a sociedade de forma geral, essa pesquisa discorrerá também sobre a concepção de currículo na sociedade atual baseando-se para isto, na coleta de dados através de entrevistas realizadas com dez professores de Ensino Médio, tanto da rede pública como da rede particular do Estado de Mato Grosso do Sul. Para manter o anonimato dos profissionais optou-se pelo uso de nomes fictícios. Por fim, apresentar-se-á algumas considerações sobre o espaço escolar concebendo-o como um espaço de múltiplas diferenças e vivências.

Currículo e educação básica na sociedade contemporânea: algumas reflexões

A educação constitui um aspecto importante para qualquer sociedade, pois uma educação de qualidade se reflete nos índices sociais. Partindo dessa premissa, algumas ponderações se fazem necessárias no que tange ao lugar da educação na sociedade contemporânea. Em conformidade com Xavier (2008) que afirma que a discussão sobre o objetivo da educação básica necessita ser retomada para que a instituição escolar transforme-se em um espaço para aprender e aprender a viver, exporemos aqui alguns dados a fim de problematizar a situação da educação atual.

Uma escola de qualidade para gerar mudanças não pode enxergar o currículo dissociado da cultura e da política, caso contrário ela está educando para determinados sujeitos e culturas, colocando-os como um ideal verdadeiro e absoluto, e por consequência, produzindo uma política excludente e marginalizante. O componente cultural no ambiente escolar é inerente ao mesmo, uma vez que se lida com seres humanos, portanto não se pode

desprezar as diferenças sócio-culturais, e as desigualdades político-econômicas entre os sujeitos. As diferenças existem, mas não devem constituir-se em obstáculos para a educação, precisam ser respeitadas e ter o direito de expressarem-se nesse meio.

Dessa forma a cultura relaciona-se com a identidade do sujeito, logo, desprezá-la é alijar muitos sujeitos da instituição escolar. Para escrever como currículo, cultura e identidade se relacionam tomamos as palavras de Silva que afirma:

o currículo não está envolvido num processo de transmissão ou revelação, mas num processo de constituição e posicionamento: de constituição do indivíduo como sujeito de um determinando tipo e de seu múltiplo posicionamento no interior das diversas divisões sociais.(SILVA, 1995, p.195.).

Continuando nossa reflexão, trazemos a questão da repetência e da evasão escolar, já que ambas parecem ser inseparáveis, pois a primeira, pode resultar na segunda. Conforme os dados do INEP (Instituto Nacional de Educação e Pesquisa) no Brasil há aproximadamente 33 milhões de alunos distribuídos no período que compreende o ensino fundamental, 9 milhões no ensino médio e 4,2 milhões no ensino superior¹. Em outras palavras, os estudantes vão ficando pelo caminho e dificilmente conseguem concluir seus estudos. Isso demonstra que, embora o número dos que chegam à universidade tenha subido desde as últimas décadas até os dias atuais, ele ainda é baixo em relação àqueles que iniciam a vida escolar todos os anos nas instituições do país.

Um outro dado insatisfatório é revelado por um estudo da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) que ratifica a existência de uma realidade educacional precária, segundo a mesma, o Brasil tem a segunda maior taxa de repetência latino-americana, com 18,7% na escola primária². Há algo acontecendo nesse nível educacional que foge ao controle do próprio Estado e dos órgãos competentes. Talvez isto ocorra devido ao que Koff baseada em Candau (2006) argumenta: “predomina em nossas escolas uma cultura rígida - padronizada, ritualística, pouco dinâmica, que dá ênfase a simples processos de transmissão de conhecimentos [...] e que pouco dialoga com o contexto cultural das crianças e dos/as jovens que dela fazem parte” (p.148).

3 Disponível em: http://www.inep.gov.br/download/imprensa/2007/tabelas_censoescolar_2006.xls

4 Disponível em: <http://www.ueg.br/artigos/1220/Brasil-ocupa-80AA-posicao-em-ranking-da-Unesco-que-avalia-melhorias-na-educacao->

Dados como esses revelam muito sobre a situação da realidade escolar na sociedade contemporânea, analisando os mesmos percebe-se que o ensino se processa como uma espécie de “funil”, já que com o passar dos anos os estudantes vão deixando a escola por razões distintas: uns para trabalhar, outros por falta de incentivo e outros ainda, por que talvez não vejam sentido em ir à escola. Ou ainda, por que há práticas e posturas escolares que corroboram para que dados como estes continuem a subir.

Como nos lembra Silva (1995) a organização do currículo, a cultura hegemônica a qual, o mesmo privilegia o cronograma das disciplinas, a noção de “conhecimento” e até mesmo o que é instituído como tal, é uma questão de poder e interesse. Da mesma forma que Silva, Santomé (1995) afirma que os currículos desenvolvidos nas escolas têm produzido um silêncio em torno de algumas culturas. “As culturas ou vozes dos grupos sociais minoritários e/ou marginalizados que não dispõem de estruturas importantes de poder costumam ser silenciadas, quando não estereotipadas e deformadas para anular suas possibilidades de reação. (SANTOMÉ, 1995, p.161-162).

Por último, destacamos um dado relativo a forma como tem se organizado o currículo principalmente do Ensino Médio, que atualmente se estrutura de forma a atender as exigências dos concursos pré-vestibulares. As cobranças desse tipo de concurso tem sido um grande balizador no momento da escolha de conteúdos a serem ensinados nos anos finais de ensino fundamental e ensino médio. O grande problema desses conteúdos serem privilegiados em vez de outros é que os jovens alunos do ensino médio muitas vezes permanecem sem entender “o mundo social e natural, as produções culturais e tecnológicas de sua época, para ser um cidadão informado, crítico, posicionado, capaz de expressar suas opiniões, seus sentimentos, suas discordâncias e também ser capaz de ouvir seus parceiros, seus interlocutores”.(XAVIER, 2008, p.30), são muitas vezes negados ou descartados em benefício desse “currículo vestibularesco”.

Como é possível perceber, pelo que foi exposto, a educação envolve tantos elementos externos quanto internos, ambos inerentes ao próprio processo educacional, entretanto, neste trabalho, vamos dar primazia a questão do currículo, compreendendo como a noção do que seja currículo está diretamente ligada às formas produção do conhecimento, aos conteúdos a serem enfatizados ou não, aos grupos sociais eleitos ou

negados na escola e outros. Para dar início ao tratamento do termo currículo, exporemos aqui um breve percurso histórico sobre a teoria curricular.

Reflexões sobre o currículo escolar

Para caracterizar o currículo escolar é importante destacar que o mesmo sofreu ao longo de sua história diferentes abordagens. Assim, apresentamos elementos do processo histórico do currículo juntamente com as abordagens que foram construídas durante este processo, pois, “o currículo não é um elemento transcendente e atemporal – ele tem uma história, vinculada a formas específicas e contingentes de organização da sociedade e da educação” (MOREIRA e SILVA, 2005, p.08). Segundo Silva (2004), as teorias do currículo podem ser divididas em três momentos distintos: o primeiro compreende as teorias tradicionais, o segundo, corresponde às teorias críticas e o terceiro momento versa sobre as teorias pós-críticas.

Conforme nos aponta Moreira e Silva (2005) o currículo sempre fora alvo da atenção dos educadores, no entanto, o estudo sobre o tema ganha força somente no final do século XIX nos Estados Unidos tendo como marco no estabelecimento do currículo como campo especializado de estudo a publicação do livro de Bobbit *The curriculum* em 1918, embora muito antes de Bobbit, Dewey, já havia escrito um livro que continha no título a palavra currículo *The child and the curriculum* em 1902. Os EUA, nesse momento devido o fim da Guerra Civil buscava reestruturar-se econômica, política e socialmente. Essa reestruturação perpassa a construção de novas idéias e valores que tem como instrumento de difusão das mesmas a escola e por conseqüência, o currículo, que passa a ser adaptado para atender as necessidades do momento, assim o currículo transforma-se em um “processo industrial e administrativo”, utilizado pela classe privilegiada economicamente para controlar as menos favorecidas, em outros termos, o currículo tornou-se instrumento de controle social e uma forma de manutenção do *status quo*.

Para explicar essas teorias utilizamos Moreira e Silva (2005) que afirmam que duas correntes de pensamento sobre o currículo nortearam os educadores até a década de setenta. A primeira representada por Dewey e Kilpatrick (precursores no desenvolvimento das teorias progressivistas) contribuiu para o desenvolvimento do que se chamou de escolanovismo a partir dos anos vinte do século XX, a segunda corrente, calcada no modelo

de currículo de Bobbit e consolidada mais tarde com a publicação do livro de Ralph Tyler em 1949, denominou-se tecnicismo, e tinha por objetivo adaptar escola e o currículo à ordem capitalista baseando-se para isso, em princípios de racionalidade, ordem e eficiência.

Já no início da década de 1970, ocorre a renovação da teorização sobre currículo que exprimia uma insatisfação, sobretudo, com os parâmetros tecnocráticos estabelecidos pelos modelos de Bobbit e Tyler, conforme Silva (2004), essas teorias foram denominadas de teorias críticas do currículo são as que colocam em questão a relação entre os arranjos sociais e educacionais, ou seja, a relação entre currículo e ideologia, currículo e cultura, currículo e poder, currículo e controle social. De modo geral, ainda segundo Silva (2004), a teoria crítica defende que é

através de uma *correspondência* entre as *relações* sociais da escola e as *relações* sociais do local de trabalho que a educação contribui para a reprodução das relações sociais de produção da sociedade capitalista. Trata-se de um processo bidirecional. Num primeiro movimento, a escola é um reflexo da economia capitalista ou, mais especificamente, do local de trabalho capitalista. Esse reflexo, por sua vez, garante que, num segundo movimento, de retorno, o local de trabalho capitalista receba justamente aquele tipo de trabalhador de que necessita. (SILVA, 2004, p.32-33)

Na visão crítica é inadmissível o estudo do currículo de forma isolada e neutra, uma vez, que o político, o cultural e o social são intrínsecos ao mesmo. Para a visão crítica, “a cultura é o terreno onde se enfrentam diferentes e conflitantes concepções de vida social, é aquilo pelo qual se luta e não aquilo que recebemos”(MOREIRA e SILVA, 2005, p.26) e o “currículo é, assim, um terreno de produção de política cultural, no qual os materiais existentes funcionam com matéria-prima de criação, recriação e, sobretudo, de contestação e transgressão”.(MOREIRA e SILVA, 2005, p.28).

As teorias críticas também se voltaram para o que foi nominado como “currículo oculto”, nas palavras de Silva

O currículo oculto é constituído por todos aqueles aspectos do ambiente escolar que, sem fazer parte do currículo oficial, explícito, contribuem, de forma implícita, para aprendizagens sociais relevantes. [...] Para a perspectiva crítica, o que se aprende no currículo oculto são fundamentalmente atitudes, comportamentos, os valores e orientações que permitem que crianças e jovens se ajustem da forma mais conveniente às estruturas e às pautas de funcionamento, consideradas indesejáveis, da sociedade capitalista [...] o currículo oculto ensina, em geral, o

conformismo, a obediência, o individualismo. [...] aprende-se, no currículo oculto, como ser homem ou mulher, como ser heterossexual ou homossexual, bem como a identificação como uma determinada raça ou etnia. (SILVA, 2004, p.78-79)

A partir da década de 90, do século XX, a produção do currículo tem sido influenciada pelo pensamento pós-estruturalista que enfatiza e analisa as relações entre currículo e a construção de identidades/ diferenças. Surge assim, o multiculturalismo, que tendo surgido nos países do Norte, caracterizou-se por ser um movimento de reivindicação dos grupos culturais dominados como as mulheres, os negros e os homossexuais nesses países. A crítica pós-estruturalista vai ater-se na questão dos significados, pois “o pós-estruturalismo estende consideravelmente o alcance do conceito de diferença a ponto de parecer que não existe nada que não seja diferença.” (SILVA, 2004, p.120). Assim o conhecimento e o currículo são tidos como campo de produção de significados, já que, são indeterminados e estabelecem conexão com o poder.

Nesse ponto de vista, o currículo é visto como um “artefato social”, em dois sentidos diversos, primeiro porque a “instituição” do currículo é uma invenção social como qualquer outra; e segundo, porque, o “conteúdo” do currículo é uma construção social. De forma geral os pensadores pós estruturalistas defendem que o currículo constrói identidades e subjetividades, uma vez que ao se transmitir os conteúdos das disciplinas escolares, certos valores, pensamentos e perspectivas de uma determinada sociedade são também incutidos nos indivíduos.

O currículo escolar e os professores do Ensino Médio

Vamos a partir de agora analisar as concepções sobre o que é currículo escolar segundo os professores do ensino médio da rede pública e privada de ensino. Conforme já explicitado na introdução, as informações aqui apresentadas são embasadas em dados coletados por meio de entrevistas semi-estruturadas, as quais foram realizadas por meio de um roteiro guia, junto a dez professores que lecionam no ensino médio do estado de Mato Grosso do Sul. Ratificamos que a fim de manter o anonimato desses profissionais, utilizamos nomes fictícios e que todos os entrevistados possuem formação superior, mais especificamente licenciatura.

Os professores ao serem indagados sobre suas concepções a respeito do que seja currículo escolar manifestaram-se de formas distintas, vejamos a seguir excertos dos dados coletados:

Para o professor Augusto: “O currículo escolar é um documento, que tem justamente essa função de apoio para o professor, mas, também mostrando quais são as diretrizes do colégio embasadas no estudo do Projeto Político Pedagógico”. (Professor Augusto dos primeiros anos do ensino médio da rede pública de ensino). Como se pode perceber o professor Augusto vê a finalidade do currículo como a de servir como apoio ao professor. O professor aponta também no objetivo do currículo o apoio para a prática na sala de aula, como se nota em sua exclamação: “Eu acho que é justamente, esse, orientar, nortear, o trabalho do professor”.

Já o professor Carlos destaca implicitamente o conteúdo quando define o que seja currículo, como se nota: “Eu defino, como aquilo que tem que ser trabalhado durante o ano”. (Professor Carlos, leciona em todos os anos do ensino médio da rede pública de ensino). Pode-se notar que para esse professor o currículo escolar é se define pelos conteúdos a serem ensinados ao longo do ano letivo, além de destacar o processo seqüencial de seriação. Apesar disso, o professor Carlos concorda com o professor Augusto quanto aos objetivos do currículo. Para ele o objetivo do currículo: “É o de nortear trabalho em sala de aula”.

A professora Nara argumenta explicitamente que o currículo escolar são os conteúdos vistos a cada bimestre, além disso, critica o mesmo por não abranger todos os conteúdos de forma satisfatória. Para ela o currículo é: “meio detonado, eu acho que falta muita coisa, os alunos vêem poucas coisas por bimestre, mas eu procuro correr bastante para dar o máximo de conteúdo possível, eu dou o que é pedido e mais um pouquinho”. (Professora Nara, leciona em todos os anos do ensino médio da rede pública de ensino). Assim como os professores já relacionados aqui, a professora Nara também admite que a função do currículo escola é nortear o trabalho do profissional da educação, para ela mesma a função do currículo é a de: “Auxiliar o professor, dar direção para a seqüência de aula dele”. Outro ponto importante apontado pela professora é que ela coloca o espaço da sala de aula como espaço de ação e do desenvolvimento do currículo escolar.

De modo explícito a professora Clara admite não refletir sobre o currículo escolar: “Eu acho bom, não pensei ainda profundamente, mas, até então, está a contento” (Professora Clara leciona em todos os anos do ensino médio da rede pública de ensino). Como se nota para a professora o currículo parece ser estranho a ela, pois afirma não ter pensado a respeito. A declaração da professora revela-se paradoxal ao momento em que vivemos, pois, de acordo com Sacristan (2007), o mundo globalizado, no qual estamos inseridos e que exige novos desafios para a educação, exige também dos profissionais dessa área de conhecimento uma ação, uma visão e uma reflexão diferente e mais contundente a respeito desta, já que a educação de hoje “vê-se obrigada a repensar suas metas e revisar seus conteúdos” (SACRISTAN, 2007, p.14). De acordo com Clara o objetivo do currículo: “É como a gente trabalha com esses alunos”. Fica expresso na fala da professora que o currículo serve como um auxílio para que ela consiga desenvolver seu trabalho com os alunos.

O professor Ângelo afirma que o currículo é necessário, embora esteja mal elaborado e seja muito teórico. Segundo ele, o currículo escolar é: “Necessário, porém, mal elaborado. Demasiado teórico”. (Professor Ângelo, leciona em todos os anos do ensino médio da rede privada de ensino). Esse professor, assim como a grande parte dos que aqui foram citados aborda o currículo como algo que ele não ajudou a construir e também entende que o objetivo do currículo é dar suporte ao trabalho a ser desenvolvido na sala de aula, segundo ele, o objetivo: “É o de orientar o professor”.

Para a professora Odete o currículo escolar é um padrão, uma norma para a disciplina/ matéria que o professor ministra, para ela o currículo escolar é: “Padrão para disciplina”. (Professora Odete, leciona em todos os anos do ensino médio da rede privada de ensino). A professora Odete pensa que o objetivo do currículo é: “Saber o conteúdo que o aluno já possui”, observa-se que a profissional retoma a importância do conteúdo e argumenta que a função do currículo é justamente verificar o conteúdo que os alunos possuem. Já para o professor Antônio, o currículo escolar é uma sugestão e não modelo ao qual o professor fica “preso”. Para ele, o currículo é: “(...) uma sugestão para o ano”. (Professor Antônio, leciona no primeiro ano do ensino médio da rede privada de ensino).

A professora Ângela ressalta que o currículo escolar é modelo que pode sofrer alterações conforme a necessidade do professor, para ela currículo escolar é: “Um

norteamento, um parâmetro que deve ser aberto, permitir que se modifique...apenas um parâmetro, digamos que um esqueleto, onde que você vai fazer o preenchimento de acordo com a sua necessidade”.(Professora Ângela, leciona nos segundos e terceiros anos do ensino médio da rede pública de ensino). O objetivo do currículo escolar pra ela se confunde com o que seja currículo como se nota na sua fala: “Éh! seria o que eu te falei antes, um norteamento, um parâmetro, a ser... , mas, que não pode ser fechado nós temos que considerar outros fatores e não apenas ler aí a nossa ementa, o currículo, o parâmetro seguindo à risca sem considerar a nossa clientela nosso aluno, nosso contexto”.

A professora Leandra quando questionada sobre como ela caracterizaria o currículo, a professora afirmou: “Ah! Pra mim é bom o currículo escolar”. (Professora Leandra, leciona em todos os anos do ensino médio da rede pública de ensino). Por outro lado quando questionada sobre o objetivo do currículo, sua visão assemelha-se a de outros profissionais, já que enfatiza o conteúdo e função do currículo de ser como um norte para o profissional da educação. Em suas palavras: “Eu acho que o objetivo do currículo escolar é o de direcionar a melhor maneira. Direcionar? Os conteúdos da melhor maneira”.

Podemos afirmar que embora com algumas diferenças os professores entrevistados percebem o currículo como algo que já está estabelecido. Porém, em muitos momentos os professores explicitam intervenções que demonstram que apesar de existir um currículo pré-estabelecido os professores fazem tentativas de re-significá-lo.

Currículo e a perspectiva multicultural: um diálogo com os professores

Agora analisaremos as falas dos professores no que concerne o que seja multiculturalismo e a possibilidade de se desenvolver um currículo multicultural na sala de aula. Os professores apresentaram visões diferentes como se constata nos excertos abaixo:

O professor Augusto define multiculturalismo como um movimento de integração de várias culturas, no qual há preocupação por um bem comum, nas palavras do professor: “Multiculturalismo, eu acredito que seja uma maneira de integração onde se tem várias culturas, ou vários entendimentos objetivando um bem comum”. (Professor Augusto dos

primeiros anos do ensino médio da rede pública de ensino). Ele acredita que se pode desenvolver um currículo multicultural, no entanto sua concepção do que seja multiculturalismo se confunde com a noção de interdisciplinaridade, quando questionado sobre a possibilidade de desenvolver um currículo multicultural, o professor argumenta: “Eu acho que sim, eu acredito que uma ferramenta para isso seja a interdisciplinaridade, ou seja, um mesmo tema sendo trabalhado por vários professores, então, eu acho que esta é uma ferramenta usada na área de interdisciplinaridade”

A professora Ângela entende multiculturalismo como resultado da junção de várias culturas, como se nota em sua fala: “Multiculturalismo é a mistura e a miscelânea de várias culturas é a interferência de várias culturas, a junção de várias culturas, e dessas culturas é um resultado dessa mistura”. (Professora Ângela, leciona nos segundos e terceiros anos do ensino médio da rede pública de ensino). Ela afirma a possibilidade de se desenvolver um currículo multicultural e explicita de que forma se pode realizar isso, de acordo com ela: “É possível. Nós não podemos considerar essa cultura melhor que aquela, porque cultura é cultura cada um tem a sua, cada povo desenvolve a sua, então, nos devemos trabalhar de maneira respeitosa, devemos respeitar a cultura do outro, os costumes do outro, então, procuramos assim dessa forma sem preconceito mostrando as diferenças sem preconceito e trabalhar porque aquilo que é cultural é normal para aquela cultura”.

A professora Nara, assim como a maioria dos entrevistados, também entende multiculturalismo como a existência de várias culturas, como se constata na fala da professora: “São várias culturas, tentar trabalhar com um pouco da cultura de cada país”. (Professora Nara, leciona em todos os anos do ensino médio da rede pública de ensino). Já a possibilidade de se desenvolver um currículo multicultural é obstaculizada de acordo com a profissional pelo fato de que cada cultura possui uma língua diferente da outra cultura, no entanto, admite achar interessante a perspectiva multicultural, embora nunca a tenha utilizado em sua prática docente, nas palavras da educadora: “Na língua portuguesa, é complicado, porque a língua não é a mesma, nem os costumes, eu não sei nas outras matérias, mas acho interessante, mas nunca trabalhei”.

O professor Antônio entende o multiculturalismo como atividades a serem trabalhadas dentro de conteúdos como se observa em sua argumentação: “Multiculturalismo são várias atividades trabalhadas em um mesmo conteúdo, várias

abordagens do mesmo conteúdo”. (Professor Antônio, leciona no primeiro ano do ensino médio da rede privada de ensino). O professor responde afirmativamente sobre a possibilidade de se desenvolver um currículo multicultural, mas não relata de que forma isto ocorreria. Já o professor Ângelo percebe o multiculturalismo como um processo educacional que envolve a diversidade social existente no ambiente no qual atua como educador, para ele multiculturalismo é: “Um processo de educação que envolva a diversidade cultural do ambiente social que se leciona”. Ele também como a maioria dos profissionais entrevistados acredita ser possível desenvolver um currículo multicultural, como se confirma na sua asserção: “Sim, basta vontade e muita paciência”.

Também para a educadora Elia, o multiculturalismo está relacionado com a diversidade cultural, para ela multiculturalismo: “É a diversidade cultural né, como eu disse: da questão da arte africana e as influências que nós temos, principalmente nós brasileiros, que temos influências de todas as etnias, não somente a africana”. (Professora Elia, leciona em todos os anos do ensino médio da rede pública de ensino). A professora também argumenta em favor da perspectiva multicultural na educação, para a mesma, o multiculturalismo é: “Possível, sem dúvida né, quanto apropriado a outras disciplinas quanto ao cotidiano independente da escola, do dia-a-dia”.

A educadora Leandra quando questionada sobre o que seja multiculturalismo ela responde: “Várias culturas”. (Professora Leandra, leciona em todos os anos do ensino médio da rede pública de ensino). Ao se falar sobre a possibilidade de realizar um currículo embasado na perspectiva multicultural, a profissional responde da seguinte forma: “É mais aceitação é, como por assim dizer, quando você chega com coisas diferentes, que para eles são diferentes, eles levam mais tempo para aceitar entende, como tiveram o contato com a consciência negra, foi feito danças né, na escola, sobre as danças africanas, e a gente trouxe ou traz para sala de aula, a dança como é! O filme para eles verem como é dança africana e eles ficam horrorizados não querem fazer, não aceitam, aí a gente vai conversando, conversando, e eles acabam fazendo não exatamente, assim como os gestos mais delicados, como os das danças africanas são, mas, é preciso ser insistente”. Como se observa o multiculturalismo em sua prática de sala de aula se assemelha ao que Jurjo Santomé denomina como currículo turístico, ou seja, quando a temática da diversidade cultural é tratada com atitudes nas quais se estereotipam, banalizam, ocultam ou deformam

as comunidades culturais diversas da cultura hegemônica. Segundo o estudioso, “Essas modalidades de currículo turístico reproduzem a marginalização e negam a existência de outras culturas”. (SANTOMÉ, 1995).

Para Clara assim como para a professora Leandra o multiculturalismo está de alguma forma relacionado como a existência de várias culturas, já que ela define multiculturalismo como: “As várias formas de culturas”. (Professora Clara leciona em todos os anos do ensino médio da rede pública de ensino). Ela acredita que pode haver um currículo que envolva essas mesmas culturas, em contrapartida, fica implícito na sua fala que trabalhar com textos diferentes é trabalhar numa perspectiva multicultural, argumento que se ratifica em sua afirmação: “Eu não me recordo, mas, a gente sempre trabalha de acordo, sempre com textos variados”.

O professor Carlos fala que multiculturalismo deve existir no Brasil devido ao processo de colonização e miscigenação racial do qual somos resultado. Ele se manifesta da seguinte forma: “Eu acho que é uma coisa, que eu não posso dizer que entendo, que é pelo menos pra nós aqui no Brasil presente na sociedade, uma sociedade multirracial, multicultural e de diversidade, mas, é por isso que a gente desconhece muito a nossa própria cultura”. (Professor Carlos, leciona em todos os anos do ensino médio da rede pública de ensino). Carlos se expõe da seguinte forma quando questionado sobre a possibilidade de desenvolvimento de um currículo multicultural, ele acredita que é: “Possível é, eu acredito que seja, a gente vem tentando né, tentando desenvolver essa possibilidade, agora fazer lógico com que no mínimo os alunos conheçam e saibam da existência dessas várias culturas de desenvolvimento, já chegam ser suficiente, lógico que trabalhar a questão multicultural deve ser relevante”.

Considerações finais:

A profissional Odete foi a única dentre todos os entrevistados que não caracterizou o que seria multiculturalismo, nem mesmo como a maioria dos entrevistados o fez, apoiando no aspecto gramatical do termo, seccionando o vocábulo em duas partes: o prefixo latino “multi” que designa muito e o vocábulo “cultural”, relativo a cultura. Seu desconhecimento quanto ao termo também pode ser ratificado quando no momento em que a educadora ao ser indagada sobre como ela definiria o multiculturalismo, ela responde, repetindo o termo mencionado e silenciando-se imediatamente após, não retomando mais a

pergunta durante a entrevista, como se pode observar: “Multiculturalismo ...”. Embora a professora desconheça a perspectiva multicultural na educação, ela responde afirmativamente a possibilidade de se desenvolver um currículo de base multicultural.

A partir das concepções apresentadas pelos professores constatamos que a maioria destes profissionais compartilha de uma visão próxima daquilo que Moreira e Silva (2005) denominam como currículo tradicional e/ou tecnocrático. Percebe-se na fala deles uma ênfase no conteúdo a ser ministrado ao longo do ano, o qual muitas vezes é confundido com a noção de currículo, como se o primeiro corresponde ao segundo como numa equação matemática de equivalência entre os elementos de uma expressão. Moreira e Silva (2005):

O currículo não é um elemento inocente e neutro de transmissão desinteressada de conhecimento social. O currículo está implicado em relações de poder, o currículo transmite visões sociais particulares e interessadas, o currículo produz identidades individuais e sociais particulares. (MOREIRA e SILVA, 2005, p. 07-08).

Neste sentido, ressaltamos a importância de que os profissionais da educação incluam nas suas reflexões sobre currículo os elementos econômicos, político e culturais inerentes à constituição e desenvolvimento do currículo escolar e não limitá-lo a um documento de apoio e/ou um parâmetro destituído de qualquer pretensão, contribuindo para que muitas vezes a escolarização continue a “afirmar as histórias eurocêntricas, patriarcais, as identidades sociais e as experiências culturais dos estudantes de classe média, ao mesmo tempo em que marginaliza, ou apaga, as vozes, as experiências e as memórias culturais das “minorias”, que hoje estão na escola...” (XAVIER, 2008, p. 22).

Precisamos ter presente o que explicitam Moreira e Silva (2005), ao mesmo tempo que fazemos o currículo, também somos resultado dele, daí a importância do profissional refletir sobre o currículo e sua atuação sobre ele. Como nos lembra Silva (1995):

Se o currículo é aquilo que fazemos como materiais recebidos, então, apesar de todos os vínculos desses materiais com relações de poder, ao agir sobre eles, podemos desviá-los, refratá-los, subvertê-los, parodiá-los, carnavalizá-los, contestá-los. Por outro lado, se ao produzir o currículo, somos também produzidos, é porque podemos ser produzidos de formas muito particulares e específicas. (SILVA, 1995, p. 194).

Segundo Silva a perspectiva multicultural “transfere para o terreno político uma compreensão da diversidade cultural que esteve restrita, durante muito tempo, a campos especializados como o da Antropologia.”. (SILVA, 2004, p.86). Na perspectiva multicultural as diversidades culturais não podem ser concebidas separadas das relações de poder, já que:

Nessa visão, as diversas culturas seriam o resultado das diferentes formas pelas quais os variados grupos humanos, submetidos a diferentes condições ambientais e históricas, realizam o potencial criativo que seria apenas a manifestação superficial de características humanas mais profundas. Os diferentes grupos culturais se tornariam, iguados por sua comum humanidade. (SILVA, 2004, p.86).

Segundo Silva (2004) o currículo deve ser compreendido, sobretudo como um campo de luta, de disputa em torno de processos de significação e identidades, pois segundo ele o currículo é um documento de identidade. Neste sentido entendemos juntamente com Xavier que quando naturalizamos as diferenças elas “perdem a perspectiva social, cultural e política de sua produção, distorce-se o sentido de justiça social e de igualdade.” (Xavier, 2008, p.166).

É justamente isto que não pode acontecer, pois a naturalização ou mesmo a negação da diferença, da multiculturalidade, explicitada pelas pluralidades dos diferentes grupos sócio-culturais, transforma-se na invisibilidade das relações de poder que atravessam as relações pedagógicas, as instituições escolares e os conhecimentos, diminuindo dessa forma, a possibilidade de sua problematização, sobretudo quando se trata de grupos que ao longo da história tem sido excluídos do currículo escolar. Por essa razão, juntamente com Silva (2004) pensamos que a perspectiva multicultural deve ser enfatizada, pois nessa teoria, as diferenças não são apenas toleradas ou respeitadas, mas colocadas em questão e um currículo dentro desses moldes revela que

a idéia de cultura de inseparável da de grupos sociais.[...] a cultura é o terreno por excelência onde se dá a luta pela manutenção ou superação das divisões sociais. O currículo educacional, por sua vez, é o terreno privilegiado da manifestação desse conflito. [...] um campo em que se tentará impor tanto a definição particular de cultura de classe ou grupo dominante quanto o conteúdo dessa cultura. (MOREIRA e SILVA, 2005, p.26).

Em outras palavras o currículo “é, assim, um terreno de produção de política cultural, no qual os materiais existentes funcionam com matéria-prima de criação, recriação e, sobretudo, de contestação e transgressão”. (MOREIRA e SILVA, 2005, p.28).

Referências:

KOFF, Adélia Maria Nehme Simão. Cotidiano escolar e cultura(s): dialogando com os resultados de uma pesquisa. IN: CANDAU, Vera Maria (org.). **Educação Intercultural e o cotidiano escolar**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006. (p.145-159).

MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa; SILVA, Tomaz Tadeu da. Sociologia e teoria crítica do currículo: uma introdução. IN: MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa; SILVA, Tomaz Tadeu da. **Currículo, cultura e sociedade**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2005. (p.7-37).

SACRISTAN, José Gimeno. O significado e a função da educação na sociedade e nas culturas globalizadas. IN: SACRISTAN, José Gimeno. **A educação que ainda é possível: ensaios sobre uma cultura para educação**. Porto Alegre: Artmed, 2007. (p.17-40)

SANTOMÉ, Jurjo Torres. As culturas negadas e silenciadas no currículo. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. 5. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1995. (p.159-177).

SILVA, Tomaz Tadeu da. Currículo e identidade social: territórios contestados. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 1995. (p.190-207).

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documento de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. 156p.

XAVIER, Maria Luisa M. Educação básica - resgatando espaços de humanização, civilização, aquisição e produção de cultura na escola contemporânea. IN: PEREIRA, Nilton Muleet. (org.) **Ler e escrever: compromisso no ensino médio**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008. (P17-32).